



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - MÁFIA DO FUTEBOL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0708/16	DATA: 21/06/2016	
LOCAL: Plenário 11 das Comissões	INÍCIO: 14h40min	TÉRMINO: 16h17min	PÁGINAS: 36

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

SILVIO BARSETTI - Jornalista.

SUMÁRIO

Oitiva de convidado.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de vídeo.
Houve intervenção inaudível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Declaro aberta a 14ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito da Máfia do Futebol.

Informo que se encontra à disposição dos Srs. Parlamentares cópia da ata da 13ª Reunião. Indago se há a necessidade da leitura da ata. *(Pausa.)*

Deputado Major Olimpio, indago se há necessidade de leitura da ata.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Regimentalmente, eu gostaria que fosse dispensada a leitura da ata, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Dispensada a leitura por solicitação do Deputado Major Olimpio.

Em discussão a ata. *(Pausa.)*

Não havendo quem queira discuti-la, submeto à votação a respectiva ata.

Os Deputados que a aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovada.

Informo aos senhores o recebimento das seguintes correspondências: do Exmo. Sr. Iran Almeida Barbosa, Deputado Estadual de Minas Gerais, encaminhando representação criminal contra as empresas Minas Arena — Gestão de Instalações Esportivas S/A, Construcap Engenharia e Comércio S/A, Egesa Engenharia S/A e HAP Engenharia LTDA.; e do Deputado João Marcelo Souza, justificando sua ausência nas reuniões dos dias 9 e 14 de junho.

Passamos à Ordem do Dia.

A presente reunião destina-se a deliberação de requerimentos e realização de audiência pública com a presença do Sr. Silvio Barsetti, a quem convido a tomar assento à mesa.

Peço a atenção das senhoras e dos senhores para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa.

O tempo concedido para o convidado será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser aparteados. Os Parlamentares interessados em interpellá-lo deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

Vou conceder a palavra, por até 20 minutos, ao Sr. Silvio Barsetti, jornalista.

Sr. Silvio Barsetti, nós aqui na CPI temos o prazer de recebê-lo, sabendo do trabalho que o senhor vem realizando ao longo dos anos na crônica esportiva. Temos a certeza de que tudo o que o senhor aqui trouxer será para o benefício



desta CPI, será para o benefício do relatório final, que nós esperamos entregar no segundo semestre deste ano, ao final dos trabalhos da nossa CPI. E, junto com esse relatório, entregaremos um legado para a população brasileira, para o povo brasileiro.

O Brasil é o País do futebol. Precisamos discutir o futebol. Precisamos entender melhor o que acontece. Muito obrigado por aceitar o nosso convite, Sr. Silvio Barsetti. A palavra está com o senhor.

O SR. SILVIO BARSETTI - Boa tarde, Presidente.

Agradeço o convite à Câmara dos Deputados, à CPI, na pessoa do Presidente, o Deputado Laudívio Carvalho, e do Secretário Paulo Sérgio, que entrou em contato comigo. Cumprimento todos os presentes.

Num primeiro momento, quando fui convidado, cheguei a relutar um pouco em vir, porque argumentei que não tinha nenhuma denúncia, nenhum documento, nada que pudesse talvez aguçar a atenção até mesmo da imprensa, dos meus colegas, com alguma revelação bombástica. Mas acabei convencido a falar um pouco da minha experiência.

Tenho 28 anos de jornalismo. Comecei a trabalhar, Presidente, cobrindo a CBF, a eleição que levou Ricardo Teixeira à Presidência da CBF em 1989. Já os bastidores daquela eleição eram bem quentes, com muita polêmica, disse me disse, essas coisas todas divulgadas na época pela imprensa. Passei pelo *Jornal dos Sports*, hoje extinto, depois pelo jornal *O Dia*, pelo *Jornal do Brasil*, voltei ao jornal *O Dia*, voltei ao *Jornal do Brasil*. Passei duas vezes pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, onde fiquei 20 anos, sempre na sucursal do Rio. De 1 ano e meio para cá, eu trabalho no Portal Terra como prestador de serviços.

Aliás, devo fazer uma ressalva aqui. O que vou falar hoje aqui eu falo em meu nome pessoal, sob a minha responsabilidade, não do Portal Terra, ao qual presto serviços há 1 ano e meio, na maioria das vezes, cobrindo esse lado de bastidores do esporte, bastidores do futebol, quase sempre vivendo o dia a dia da CBF, Presidente.

Muita coisa que já foi falada aqui e que a imprensa mesma tem registrado nos últimos meses, nos últimos anos, eu acompanhei e acompanho. Como esta CPI se baseia mais no que vem acontecendo a partir do dia 27 de maio de 2015, embora



seja abrangente também para fatos anteriores, a princípio eu vou me deter um pouco no que aconteceu e no que vem acontecendo a partir do dia 27 de maio, com foco em CBF, até porque nós tivemos um Presidente da CBF preso, que continua preso, e dois indiciados pela Justiça norte-americana.

Presidente Laudivio Carvalho, além de credibilidade, o que eu acho que falta é abrir a caixa-preta da CBF. A CBF é uma grande caixa-preta em vários sentidos. A entidade resiste muito em ter transparência, embora haja lá uma diretoria de transparência. Até acho que é desnecessária. A transparência é tão evidente e tão obrigatória que dispensaria uma diretoria de transparência em qualquer entidade, em qualquer órgão público, na minha opinião.

A entidade tem uma diretoria de transparência e ficou, esses anos todos, sem publicar sequer o seu estatuto no *site* oficial da CBF. Só recentemente foi publicada uma minuta.

Recentemente, foi criado um comitê de reformas na CBF, que também anda um pouco devagar. Estuda a reforma do estatuto, estuda a elaboração do Código de Ética. Também já está sendo discutido o Código de Ética da CBF, que agora é o Código de Ética do Futebol Brasileiro. Já está sendo discutido há mais de 1 ano e meio. Ele nunca entra em vigência, até porque parece que, para ser aprovado, para poder funcionar, tem que ter a assinatura do Presidente da CBF, o Marco Polo Del Nero.

Eu fiz aqui um resumo, Presidente, do que aconteceu desde 27 de maio. Nós vamos vendo aos poucos o que tem representado para o futebol brasileiro esses escândalos todos que, de certa forma, envolvem a CBF, alguns de seus dirigentes.

No dia 27 de maio, houve aquela operação deflagrada pelo FBI que resultou na prisão do ex-Presidente José Maria Marin, que era Vice-Presidente da CBF. No dia 28 de maio, o Presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, volta da Suíça para o Brasil, não participa do congresso da FIFA, que seria realizado naquele dia em Zurique. E, desde então, o Presidente Marco Polo Del Nero nunca mais deixou o País. Faltou a vários eventos importantes da CBF, eventos oficiais da FIFA, eventos oficiais da Confederação Sul-Americana de Futebol, sorteio da Copa do Mundo na Rússia. Não foi sequer prestigiar a Seleção Brasileira na Copa América de 2015, tampouco na Copa América recém-disputada, o último vexame do futebol brasileiro.



Não participou de eventos relacionados aos Jogos Olímpicos, e ele era o representante maior do futebol nos Jogos Olímpicos de 2016. Houve uma ausência completa. Nunca se soube ou nunca se teve a resposta exata sobre o motivo real da ausência do Presidente Del Nero. Nós perguntamos. Ele já foi indagado sobre isso várias vezes em entrevistas, mas não há uma resposta clara.

Com essas ausências, Presidente, o que acontece? Uma coisa óbvia: o Brasil perde força nos bastidores, perde representatividade. Não estou dizendo que o Brasil teria que ser beneficiado. Não defendo isso. Não defendo que o futebol brasileiro teria que ser beneficiado por arbitragens, ou por escolhas, ou na confecção de tabelas, esse mundo indireto do futebol. Não defendo isso, mas defendo que haja uma vigilância.

Por exemplo, se nós tivéssemos uma representatividade um pouco mais forte, talvez não fôssemos eliminados da Copa América como ocorreu recentemente, com um gol de mão, depois que o juiz demorou 4 minutos para confirmar a jogada, que havia sido ilegal.

Eu digo isso porque, em uma entrevista que eu fiz ano passado com o ex-Presidente da CBF Ricardo Teixeira, uma das coisas que ele falou foi o seguinte: *“É impensável um Presidente da CBF não viajar, é impensável. Isso é um desastre para o futebol brasileiro”*. Não estou dizendo evidentemente que é por conta das ausências do Presidente Marco Polo Del Nero nos eventos no exterior pela CBF que o Brasil é essa calamidade no futebol, mas isso certamente tem um efeito ali também. Isso empurra o futebol para essa situação.

Além das ausências, há outros dados que são, no meu modo de ver, muito graves. Eu faço também outra ressalva. Não estou fazendo nenhum julgamento pessoal, nem posso fazer, por princípio e por convicção. Estou fazendo observações e análises sobre dirigentes esportivos, sobre as entidades.

Só para todos entenderem: a CBF tem um Presidente e cinco Vice-Presidentes. Cada Vice-Presidente responde por uma região do País. Na geografia da CBF — isso mudou de alguns meses para cá —, até então, a Região Sudeste, por exemplo, era composta somente por Rio de Janeiro e São Paulo; Espírito Santo e Minas Gerais ficavam na Região Centro-Oeste. Era uma divisão que nunca deu para entender muito bem por que foi feita. De todo modo, há cinco Vice-Presidentes,



cada um representando uma região do País. Quando o Presidente da CBF entra de licença, quando ele se licencia, ele pode indicar um dos Vices para ocupar o cargo dele. Se o Presidente da CBF sai do cargo definitivamente, assume a Presidência, segundo o estatuto, o Vice mais idoso.

Quando começou essa confusão toda, desde a operação de 27 de maio, o Vice mais idoso era o Sr. Delfim Peixoto, o Vice da Região Sul do País, Presidente da Federação Catarinense de Futebol. E começou um movimento na CBF para tentar mudar essa linha sucessória. Por quê? Porque, embora seja um dirigente tradicional, que também comanda uma federação há muitos anos, o Vice-Presidente Delfim Peixoto começou a dar declarações e sinais de que não concordava com casos ou suspeitas de corrupção envolvendo o futebol e a CBF e defendeu publicamente a punição exemplar de quem porventura tivesse cometido algum ato ilícito, beneficiando-se da CBF. Falou até nominalmente que se Marco Polo Del Nero, Ricardo Teixeira, José Maria Marin se beneficiaram ilicitamente, se ficar comprovado isso, eles merecem uma punição exemplar.

O Vice-Presidente Delfim Peixoto começou a dar declarações fortes assim, no sentido de transparência, apuração e penalidades, para se penalizar atos ilícitos. A partir de então, ele começou a sofrer um boicote muito grande na CBF.

Eu chamo de manobra, como parte da imprensa também chamou de manobra, o que vimos acontecer na CBF. Em junho, ainda no calor da prisão de José Maria Marin, a CBF convocou uma assembleia para mudança de estatuto. E uma das intenções da CBF naquela assembleia era mudar o artigo que definia o Vice mais idoso como o primeiro da linha sucessória. O que aconteceu? A pauta estava definida, e o último era Assuntos Gerais. Esse assunto seria discutido nesse último item.

Como na véspera os dirigentes da CBF se reuniram com vários Presidentes de Federações e perceberam que não seria aprovada essa mudança, isso não entrou em pauta. Mas houve ali um primeiro movimento para tentar alterar essa linha sucessória na CBF.

Ao longo do ano de 2015, Sr. Presidente, houve ausências seguidas do Presidente Marco Polo Del Nero em viagens. Podemos acrescentar também que houve, nesse meio tempo, outras tentativas, digamos assim, de impedimento do



Vice-Presidente Delfim Peixoto para assumir o cargo no caso de afastamento definitivo de Marco Polo Del Nero.

Os dirigentes da CBF temiam que, a qualquer momento, pudesse vir uma punição da FIFA — uma vez que existe uma investigação no Comitê de Ética da FIFA contra Marco Polo Del Nero — que pudesse afastar o Presidente. E temiam também que viesse alguma coisa da própria Justiça norte-americana ou mesmo do Senado Federal que pudesse afastar definitivamente Marco Polo Del Nero.

O que a CBF fez? O grupo ligado a Marco Polo Del Nero convocou uma eleição para Vice-Presidência da Região Sudeste. O Vice-Presidente da Região Sudeste era José Maria Marin, que estava preso, estava ainda na Suíça. Foi convocada uma assembleia para a escolha desse vice. Qual foi o objetivo? Apenas escolher um Vice mais idoso que o Vice-Presidente Delfim Peixoto e aliado do grupo de Marco Polo Del Nero para que ele tomasse o lugar na linha sucessória. Foi escolhido, então, o Coronel Antônio Nunes, Presidente da Federação Paraense de Futebol, como Vice-Presidente da Região Sudeste.

É uma total incoerência, no meu modo de ver, e é inédito na história da CBF, que é centenária, haver um Vice da Região Sudeste que seja Presidente da Federação de Futebol do Pará. É um *nonsense* total! Além disso, todo mundo sabe, foi uma coisa constrangedora. Essa escolha só se deu por causa da idade do Coronel Antônio Nunes, que é 2 ou 3 anos mais velho que o Vice Delfim Peixoto.

Foi feita essa eleição, mas antes mesmo dela, no intervalo entre a convocação da eleição, da publicação do edital e a eleição, houve um mal-estar na CBF muito grande porque não havia a carta de renúncia de José Maria Marin. Não havia! Quer dizer, foi convocada uma assembleia para a eleição de um vice para ocupar um cargo que estava sem nenhuma representação, mas não havia carta de renúncia de José Maria Marin. Tanto é que houve uma movimentação de federações do Nordeste exigindo que aparecesse a carta de renúncia, senão o Nordeste em bloco votaria contra a realização da assembleia, se manifestaria e tentaria anular a assembleia ou impedir a realização dela. Aí houve uma correria muito grande — são coisas que ficamos sabendo, embora não haja materialidade — para se tentar obter a carta de renúncia de José Maria Marin, que foi obtida aos 44 minutos do segundo tempo.



Sinceramente, não ficou claro para a opinião pública — ninguém tem isso com clareza — como foi obtida essa carta de renúncia de José Maria Marin. É um mistério, ninguém sabe. Se alguém sabe, é uma coisa muito fechada. A opinião pública, a imprensa, ninguém conseguiu avançar um pouco. Havia até comentários na FIFA. Isso chegou a mim por gente da FIFA, de uma suposição de que essa carta teria sido assinada em branco, meses atrás, por José Maria Marin em troca de não sei o quê. Ficou só na suposição. Não tivemos como avançar nisso. Essa informação circulou entre vários jornalistas. É um dos mistérios recentes da CBF essa carta de renúncia de José Maria Marin. Esse é um ponto.

Quando foi eleito Vice-Presidente o Coronel Antônio Nunes, que era Presidente da Federação de Futebol do Pará, logo em seguida o Presidente Marco Polo Del Nero entrou de licença. Foi a primeira licença dele. Não sei se eu estou confundindo as datas aqui. Agora, sim, me lembrei: na verdade, o Presidente Marco Polo Del Nero primeiro se licenciou em dezembro, quando a Justiça norte-americana tornou público que ele era um dos indiciados pela Justiça norte-americana, assim como o Presidente Ricardo Teixeira, no meio de quase duas dezenas de dirigentes ou ex-dirigentes de futebol.

Naquele mesmo dia que a Justiça norte-americana tornou público esse fato, o Presidente Marco Polo Del Nero entrou de licença, licenciou-se do cargo, certamente com receio de vir ali uma medida que pudesse impedi-lo definitivamente de continuar e passou o bastão para o Vice Marcus Vicente, Deputado Federal, que é Vice-Presidente da Região Centro-Oeste. A Região Centro-Oeste então tinha Minas Gerais e Espírito Santo; isso mudou agora, recentemente.

O que aconteceu também com o Deputado Marcus Vicente? Durante 1 mês, ele tentou ter acesso a uma parte da caixa-preta da CBF e quis saber sobre folha de pagamento, o que se recebia, despesas, gastos. Quis fazer um levantamento — não seria uma auditoria, essa palavra seria forte —, um raio-x do que estava acontecendo com a CBF para tomar pé da situação, ter controle da situação. Parece que ele queria fazer uma coisa bem interessante e transparente. Não durou 1 mês no cargo de Presidente interino. Marco Polo Del Nero se irritou com ele, se irritou com as medidas dele, voltou ao cargo em janeiro e depois, no dia seguinte, colocou, aí sim, o Coronel Antônio Nunes como Presidente interino.



Essas sucessões de licenças, uma eleição muito contestada para preencher uma Vice-Presidência, uma carta de renúncia misteriosa, um Presidente da Federação do Pará ocupando uma Vice-Presidência do Sudeste, essas coisas todas, para a imprensa que cobre a CBF, repercutem muito mal, porque mostram uma ganância pelo poder a qualquer preço, deixando sempre o futebol brasileiro em segundo plano. Os resultados estão aí. Não é preciso falar: desde os 7 a 1, e por aí vai. Não se sabe onde isso vai parar, não é, Presidente?

Enfim, eu acho que há algumas coisas pontuais que precisam ser discutidas também mais à frente, para que mudanças ocorram mais à frente, mas que são importantes que sejam discutidas aqui — acho que já foram até levantadas — e têm a ver com a relação da CBF com o poder, com o controle do futebol. Uma delas, Presidente, é a questão do colégio eleitoral da CBF.

Hoje em dia há 27 federações e 40 clubes das Séries A e B que têm direito a voto. No comitê de reformas, que discute a reforma do estatuto, há a proposta de incluir os clubes da Série C, que são mais 20 clubes, o que é difícil de passar.

Eu acho que isso ainda é pouco. Eu acho que na eleição na CBF deveria ter as 27 federações, os clubes das Séries A, B, C e D. Além disso, deveria ter a participação de técnicos, de treinadores de futebol, de árbitros de futebol e principalmente de atletas, que são na verdade os que comandam o futebol na prática, no dia a dia, no campo. Claro que são representados, talvez, por suas entidades. No caso dos clubes de Séries C e D, com votos diferenciados. Não creio que talvez um Flamengo, um São Paulo, um Palmeiras, um Grêmio, um Inter, um Cruzeiro, um Atlético tenham o mesmo peso de voto de um clube que figura na Série D, mas acho que deveriam participar também. Acho fundamental que haja essa abertura, para que o colégio eleitoral da CBF possa se ampliar e para torná-la democrática, porque ela não é uma entidade democrática. Que isso seja extensivo também às federações estaduais, para que possam também ter um colégio eleitoral mais ampliado.

Falo também da cláusula de barreira, Presidente. Para a CBF inscrever uma chapa é preciso ter oito federações, chancelando essa chapa com cinco clubes. Oito federações é um número muito grande e difícil. Historicamente, as federações estaduais se fecham nas eleições da CBF. Conseguir duas chapas com o modelo de



hoje é uma coisa muito pouco provável. Então, essa cláusula tem que cair. Não sei para quanto, mas tem que cair. Não é possível continuar o mínimo de oito federações para um universo de 27. Há desproporcionalidade: cinco clubes para um universo de 40 hoje.

Além disso, é importante que isso seja extensivo às federações, que também têm suas cláusulas de barreiras, que são muito grandes. Quem elege os presidentes de federação são os clubes locais e as ligas municipais, mas tem que ser uma coisa mais democrática, com um número menor, com uma exigência menor. Essa questão da cláusula de barreira também impede um futebol mais democrático e moderno. Isso prevalece na CBF há vários anos.

Presidente, eu teria muito mais coisas a falar, mas acho que, como exposição inicial, já deu para dar uma ideia de como poderemos conduzir aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu gostaria de fazer algumas perguntas. O senhor já foi procurado por algum dirigente para não divulgar matérias, denúncias, coisas desse tipo?

O SR. SILVIO BARSETTI - Para não divulgar, não. Existe aquela coisa do *off*. Às vezes, chegam e me passam uma ou outra informação e me dizem: "*Isso aqui é em off*". Normalmente, dizem-me que é em *off* antes de passar: "*Olha, tem uma coisa em off para falar com você*". Agora, procurado para não publicar algo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - E como o senhor trabalha quando algo é passado em *off*?

O SR. SILVIO BARSETTI - Eu... (*Risos.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - O senhor, como jornalista.

O SR. SILVIO BARSETTI - Eu tento respeitar, porque no dia em que eu não respeitar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Há o respeito à fonte, não é?

O SR. SILVIO BARSETTI - Senão vira um efeito cascata, essa pessoa vai falar para outra: "*Aquele cara não respeita a fonte*".



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - O senhor tem conhecimento, na sua carreira jornalística, de atos ilegais dentro do futebol brasileiro?

O SR. SILVIO BARSETTI - Eu tenho o conhecimento, mas não tenho a materialidade. Compreende? Eu não tenho provas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Não tem provas?

O SR. SILVIO BARSETTI - Exatamente. Mas tenho conhecimento de vários casos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu vou passar a palavra ao Deputado Major Olímpio, que certamente terá perguntas a fazer ao senhor.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLÍMPIO - Sr. Presidente, eu gostaria de agradecer a presença do Sr. Silvío Barsetti devido à sua importância para esta CPI. Apaixonado pelo esporte e profissional do jornalismo desde 1989, ele vem cobrindo o jornalismo do futebol e é chamado, às vezes, de carrapato dos cartolas, porque cola firme e quer informações.

Nesta CPI, nós, como a grande esmagadora maioria do povo brasileiro, temos a consciência de que a CBF é um mar de lama, um conluio de criminosos que vem se apropriando da sua receita — na CBF, são 600 milhões de receita/ano —, e tem jogado fora os sonhos, a expectativa e a alegria do povo brasileiro em relação ao futebol.

Nós tivemos, como esta CPI, algumas CPIs que já se passaram. Nós tivemos a CPI da Nike, com uma pressão e um *lobby* malditos aqui, e nem o relatório se conseguiu votar. Em determinado momento, a chamada bancada da bola acabou impedindo que se avançasse, de fato, numa apuração mais séria.

Nós tivemos agora uma CPI no Senado, com um *lobby* e uma pressão malditos de todas as formas. Nesta Casa, nós estamos tentando — se Deus quiser, vamos conseguir — fazer uma apuração isenta, não é, Presidente? E, como o Presidente mesmo costuma dizer, vamos deixar um legado. E esse legado é tentar dar luz, como está fazendo agora a Operação Lava-Jato, que, a partir de um posto de gasolina e de um lava a jato, está mostrando uma faceta que a população imaginava em relação à política brasileira, mas que, nem no pior pesadelo, poderia



imaginar que fosse tão grande. E, quanto ao futebol, o nosso papel está em tentar abrir — esta é a expressão usada pelo Silvio — a caixa-preta.

Então, Silvio, com a sua experiência, a minha primeira argumentação seria: que sugestão ou sugestões você nos daria, com todo esse conhecimento e todo o em *off* que você tem — muitas vezes, preserva a fonte e deve ser preservada —, e que indicativos você nos daria de onde poderíamos buscar luzes para iluminar essa caixa-preta?

Nós temos informações — o que você disse aqui é muito próprio — mas muitas vezes não há materialidade da forma como são feitas as eleições na CBF; da forma como são feitos os pagamentos — dizem que eles não existem — aos Presidentes de Federação; se existe mensalão ou mensalinho, da forma como foi feita a retirada do Deputado Marcus Vicente, que ficou por 1 mês na Presidência.

Sr. Presidente, já encareço que eventualmente deliberemos convidar o Marcus Vicente — eu não sei se ele compõe esta CPI —, para que possa dizer inclusive o que se passou em relação a ele, o que foi objeto, até manifestação e cobertura do Silvio, e talvez possa nos esclarecer a respeito disso, da forma como, numa confraternização de final de ano, virou indicativo de uma chapa e depois com uma coação a ocupar a presidência de federação. Até lhe perguntaria também: parece-me que, em *off*, um deles teria dito a você mesmo que ou assinava a indicação do Coronel Nunes para a presidência ou não teria...

O SR. SILVIO BARSETTI - Mensalão.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - O mensalão ou minimamente o dinheiro para o 13º dos funcionários de repasse da Federação. Eu gostaria que você pudesse comentar conosco isso, até para que possa dar luz ao debate que nós estamos fazendo. E me parece que essas informações você até colocou como uma informação de cunho jornalístico, preservando a fonte em relação à manifestação de um presidente de federação, não é?

O SR. SILVIO BARSETTI - É verdade, Deputado. Com relação ao que o senhor chamou de mensalinho ou mensalão, quer dizer, é público, todo jornalista que cobre a CBF sabe que ela dá uma ajuda de custo de 75 mil reais para cada federação. Há uma ou duas exceções. Parece que a de São Paulo não recebe. Mas, enfim, há uma ou duas exceções. E para cada presidente de federação havia uma



ajuda de custo de 15 mil reais, que foi agora aumentada para 20 mil ou 25 mil reais. Ou seja, a federação normalmente recebe 75 mil reais por mês.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Você, que acompanha, sabe se esses valores nunca estão nos balanços?

O SR. SILVIO BARSETTI - Acho que estão de forma genérica, assim, que é difícil de detectar. Entendeu? Então, eu fico imaginando, assim... Há federação que não tem despesa de 100 mil reais nem durante o ano todo. Imaginem receber isso por mês. E vários presidentes de federação confirmam isso para nós, que é isso mesmo. O apoio ao presidente em si era de 15 mil reais até uns 4 ou 5 meses atrás, até o ano passado, mas recebeu um aumento agora. Parece que foi para 20 mil ou 25 mil. Agora, o outro era de 50 mil e foi para 75 mil reais por mês.

Com relação àquela informação em *off*, na verdade, Deputado, mais de um dirigente conversou conosco, dizendo que teve que votar, que se sentiu obrigado a votar na eleição do Coronel Antônio Nunes, porque estava com medo de represália e até mesmo de ser cortado esse benefício, essa ajuda de custo. Entendeu? Quer dizer, é algo complicado você dar uma ajuda de custo de 100 mil reais por mês. Aí, na hora de votar numa eleição, o sujeito ficar intimidado de votar contra, não é? Então, mais de um até falou conosco sobre isso, que infelizmente estava temendo votar contra por causa de represálias nesse sentido e de represálias em outros sentidos.

Na verdade, os dirigentes de futebol e muitos presidentes de clubes também temem até hoje uma briga eventual com a CBF, porque temem ser prejudicados por eventuais arbitragens. Isso é público e notório na CBF e em federações também. Mas é muito difícil você ver algum clube batendo na CBF de frente, algum presidente de clube, porque ficam com medo. E às vezes, coincidência ou não, na rodada seguinte, nas duas ou três rodadas que se seguem, o clube acaba prejudicado. Eu não sei se é coincidência. No ano passado, por exemplo, foi muito forte a crítica de clubes à arbitragem da CBF — muito forte.

Enfim, vamos falando e nos lembrando, não é? Quando o senhor pede sugestão, eu acho que a primeira sugestão seria verificar, se possível, esses contratos todos da CBF, os contratos todos comerciais da CBF — e não sei qual é o receio da CBF.



Há a cláusula do sigilo, da confidencialidade. Não sei se é só isso. Parece, dá a impressão de que há um temor de expor o que está ali, de vir a público o que está ali.

Eu acho que este seria um caminho: analisar, verificar esses contratos todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - O senhor, enquanto jornalista, já teve algum contrato desses?

O SR. SILVIO BARSETTI - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Chegou a ver algum?

O SR. SILVIO BARSETTI - Não, não. Volto a sua pergunta anterior, Sr. Presidente, se eu já tomei conhecimento de alguma ilegalidade. Por exemplo, eu não posso dizer aqui, infelizmente, porque senão vai dar confusão com o clube, mas eu já fui chamado para um jogo de futebol profissional no Rio de Janeiro, 3 ou 4 anos atrás, em que o Presidente do clube me disse: *“Você quer ver esse jogo? Eu falei: “Por quê? Ele disse: “Porque este jogo está armado e nós vamos perder. Observe a arbitragem”.*

Eu fui, observei a arbitragem, achei absurda a arbitragem, e o time perdeu por 3 a 1. Mas onde está a prova? *(Risos.)* Estou falando de algo pontual, mas nós ouvimos histórias muito mais fortes.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Em determinado momento — o senhor só me confirme ou não —, numa entrevista coletiva jornalística, o senhor questionou o Walter Feldman. Ele teria se irritado e dito ao senhor se estaria respondendo a um jornalista ou a um militante. O senhor confirma isso? Por que ele teria essa ilação de o senhor ser um militante?

O SR. SILVIO BARSETTI - Pois é, eu me surpreendi. Isso foi numa entrevista. Eu confirmo, foi exatamente isso. Foi numa entrevista no térreo da CBF, onde havia uns 30 jornalistas. O Secretário-Geral Walter Feldman é muito bem articulado, fala bem. Mas, às vezes, pelo menos para os mais antigos que cobrem a CBF, ele não convence muito nos argumentos em defesa da entidade.

E ali houve um embate quando eu fiz uma pergunta para ele, porque ele se irritou. A minha intenção não era irritá-lo, mas ele se irritou, quando ele estava passando uma informação nova, segurando uma situação — não me lembro de qual era, se era referente ao Presidente Marco Polo Del Nero. E aí eu o questionei e



lembrei a ele que ele dizia, meses antes, que o Presidente Marco Polo Del Nero jamais entraria de licença na CBF. E o Presidente entrou de licença. Da mesma forma, ele havia dito, meses antes, que o Presidente Marco Polo Del Nero jamais renunciaria ao cargo que ele tinha na FIFA. E o Presidente Marco Polo Del Nero renunciou ao cargo que tinha na FIFA.

Enfim, quando eu fiz esse questionamento, ele se irritou comigo e perguntou exatamente se eu estava perguntando como jornalista ou como militante. Nem militante partidário eu sou! (*Risos.*) Não entendi.

Mas houve isso. Foi um mal-estar. E foi a única vez, aliás, que houve esse mal-estar, porque, embora haja divergências, ele sempre foi bastante atencioso, e sempre recebe muito bem a imprensa.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Na sua fala, o senhor disse — e, se o senhor pudesse discorrer algo mais, seria bom — que Marcus Vicente, quando assumiu a CBF e ficou num período de 1 mês, teria incomodado o Marco Polo Del Nero e teria dado sinais de que abriria a caixa-preta da CBF. Esse é o seu entendimento?

O SR. SILVIO BARSETTI - É o meu entendimento e é o entendimento de outros que ouvimos lá — outras pessoas, outros jornalistas, outras pessoas envolvidas também nesse processo que sofreu uma ruptura. O Deputado Marcus Vicente parecia interessado em saber o que estava acontecendo com a casa — livro, receita, despesa, por onde entra, por onde saía o dinheiro. E isso era fato.

De repente, houve uma ruptura que pegou a todos de surpresa. O Marco Polo Del Nero voltou da licença, porque ele pode voltar da licença. Afastou o Deputado Marcus Vicente, que voltou a ser Vice-Presidente, e, depois de 24 horas, o Presidente Marco Polo Del Nero escolheu outro Vice, porque ele pode escolher o Vice que quiser assim que entra de licença. Aí escolheu, então, o Coronel Nunes para ser o Vice na segunda licença dele. Parece que ele já prepara uma terceira licença, mas houve isso realmente, foi um mal-estar.

Há uma gravação em vídeo na *CBF TV*, do próprio Deputado Marcus Vicente, em que ele se justifica tentando dizer por que saiu dali, mas você vê pelo semblante dele que há ali um abatimento muito grande, que houve uma coisa grave. Não



conseguimos avançar, só sabemos que ele tentou fazer alguma coisa decente ali e não conseguiu.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Sr. Presidente, eu estou mais do que satisfeito, até pedi ao nosso convidado que mantenha uma interlocução permanente com esta Comissão e dê mais informações. Até sugiro a V.Exa. que seja convidado o nosso colega Deputado Marcus Vicente. Talvez ele possa, com a sua experiência e até no exercício do seu mandato, nos dizer e até nos indicar as circunstâncias em que teve iniciativas positivas, como disse o nosso convidado, de buscar dar à luz e dar transparência e até abrir a caixa-preta, e aí foi sacado da direção da entidade.

Da minha parte, eu me dou por satisfeito em relação às informações que foram prestadas, agradecendo a cidadania e o profissionalismo do nosso convidado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Agradeço ao Deputado Major Olímpio e informo que V.Exa. pode apresentar um requerimento de convite ao colega e nós o colocaremos em votação, como temos feito em todas as ocasiões com todos os requerimentos que aqui chegam.

Eu, com mais de 35 anos de jornalismo, acredito em liberdade de empresa, não acredito em liberdade de imprensa. Acho que as empresas dão liberdade aos profissionais. O senhor já foi incomodado nas suas coberturas jornalísticas relativas ao futebol? Já foi incomodado, já foi parado, já foi admoestado a falar ou não falar alguma coisa, a colocar ou não alguma coisa no seu jornal ou no *site*? Como é isso? Na reportagem policial — e eu sou repórter de polícia —, acontece muitas vezes aquela coisa de tentarem te convencer de que aquilo não é verdade. Isso acontece também na cobertura do futebol e do esporte?

O SR. SILVIO BARSETTI - Menos, bem menos. Eu acho que isso deve acontecer mais na cobertura política e econômica, pela conversa que tenho com colegas. No esporte, por exemplo, em 20 anos de *Estadão*, nunca houve nenhum pedido: “*Faça isso, não faça isso, não pode colocar o nome dele*”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Não, a minha pergunta não tem a ver com o órgão de imprensa censurar ou não censurar a sua informação. Eu estou perguntando, de fora para dentro, se você já foi abordado: “*Caro jornalista, essa notícia não vai contribuir para absolutamente nada, não vai acrescentar*”. Longe de mim imaginar que a empresa faça isso, até porque eu, com 35 anos de



jornalismo, particularmente nunca passei por isso. Por onde trabalhei nunca vi isso, nunca houve. A minha pergunta é: exatamente de fora para dentro.

O SR. SILVIO BARSETTI - Talvez, não em situações muito graves, mas às vezes numa entrevista em que o entrevistado horas depois se sentiu incomodado, ou foi alertado por alguém, ou ficou preocupado, telefonou e pediu: *“Por favor, já publicou? Eu queria te pedir para, de repente, se pudesse publicar com carinho, porque uma palavra ali pode distorcer, então, cuidado”*. Mas assim, não me lembro de nenhuma ameaça ou alguma coisa mais forte. Às vezes, em uma entrevista, no calor da emoção, como, por exemplo, com o Presidente Eurico Miranda, do Vasco: *“Não vai colocar isso, não”*. Mas isso é no calor, em um momento de exaltação, mas não houve nada grave.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - O senhor citou um vídeo do Deputado Marcus Vicente. A nossa retaguarda aqui, tão competente que é, já está com o vídeo pronto. Já podemos exibi-lo? *(Pausa.)* Está preparando.

O Deputado João Derly, autor do requerimento de criação desta CPI, acaba de chegar. Portanto, gostaria de passar a palavra a S.Exa. para que possa falar, conversar e fazer perguntas ao jornalista Silvio Barsetti.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sr. Presidente, obrigado.

Cumprimento o nosso convidado, o Silvio. Eu fiquei triste por não ter podido acompanhar a explanação. Aqui, acabamos nos dividindo, porque, como somos de partidos pequenos, acabamos nos esmerando para poder estar em vários lugares. Mas estou comprometido e quero perguntar e conversar um pouco mais.

Vamos assistir ao vídeo. Depois, se surgir alguma coisa, poderemos conversar um pouco mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Já podemos assistir ao vídeo.

(Exibição de vídeo.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Sr. Silvio Barsetti, que avaliação o senhor faz desse depoimento nesse vídeo?

O SR. SILVIO BARSETTI - Quem conhece o Deputado Marcus Vicente percebe que ele está muito abatido ali, muito abalado. Isso é nítido. E ele mesmo já tinha dito que a intenção dele era até se licenciar da Câmara para ficar alguns



meses na Presidência da CBF. De repente, houve essa ruptura. Quer dizer, eu não tive a oportunidade de conversar muito com ele sobre isso, mas para mim não ficou muito claro. Para mim, foi alguma coisa que estava incomodando o grupo de Marco Polo Del Nero e que ele sofreu as consequências. Passa para mim essa impressão forte. Não posso afirmar, mas passa para mim isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Com a sua larga experiência, o que pode ser feito para que o futebol brasileiro volte a ser aquele futebol do orgulho nacional, para a Seleção Canarinho voltar a ser a Seleção Canarinho, o verde-amarelo, representando o pulsar dos nossos corações? O que é que falta, hein?

O SR. SILVIO BARSETTI - Mudar a gestão, Presidente. Mudar a gestão, mudar as pessoas. Não basta contratar o Tite, que é o melhor técnico em atividade no futebol brasileiro — isso é indiscutível —, porque não há credibilidade. Não adianta.

Ontem, foi constrangedora a apresentação do Tite na CBF. O Presidente Marco Polo Del Nero não se sentou à mesa. Ele não se senta mais à mesa, porque sabe que vai ser questionado pelos jornalistas e nunca tem resposta. Ele nunca tem resposta. E, nas últimas vezes em que ocupou a mesa ao lado do então técnico Dunga, nas entrevistas coletivas na sede da CBF, houve um constrangimento tamanho, porque ele era indagado sobre questões espinhosas e não sabia responder, se esquivava — um Presidente da CBF que não viaja.

Então, quer dizer, o Tite é uma parte. O futebol merece o Tite, a Seleção merece o Tite. É um técnico vencedor, tem currículo, sabe muito bem o que faz, o trabalho, conhece o jogador, bem articulado, inteligente, tem um trato muito bom com a imprensa, porque é preciso também parar com essa imagem que o Dunga criou e reforçou de que a imprensa é adversária, é inimiga. Tem que derrotar a Argentina e a imprensa brasileira! Não é assim no futebol. Não é assim. Quer dizer, muita gente é crítico e vai continuar assim, mas muita gente não é, e vai continuar assim também.

No entanto, para melhorar o futebol brasileiro é preciso de várias coisas. Quando se fala de gestão, de modernidade de gestão, está aí a questão da cláusula de barreira, do aumento do colégio eleitoral e de fazer, de repente, uma Série E de



Campeonato Brasileiro. Há mais de 500 clubes, Presidente, que ficam inativos durante 8 meses por ano. São 15 mil jogadores sem emprego durante 8 meses por ano, quando acabam os campeonatos estaduais. Quinze mil jogadores, de repente, representam o universo de 60 mil pessoas. E se você faz uma Série E regionalizada... Sim, com a CBF pagando hospedagem e pagando transporte. A CBF não tem que ter dinheiro em caixa, não tem que ser uma entidade rica como ela é; a CBF tem que arrecadar dinheiro para investir no futebol. Então, você faz uma Série E regionalizada, com a primeira e a segunda fases locais, não vai nem gastar muito dinheiro, porque vão ser jogos... Por exemplo, clubes do Rio de Janeiro contra clubes do Rio de Janeiro. E vai afunilando, afunilando, afunilando... Ah, eu sei que há federações que são contrárias — *“Isso vai levar o clube à falência”*. Calma! Pergunte aos 500 clubes que ficam sem atividade durante o ano todo ou durante 8 meses ao ano, quais querem participar de uma eventual Série E. Não estou dizendo para começar em 2017, não. Talvez em 2018, um projeto para 2018, para 2019.

Você pode movimentar esse mercado do futebol, porque você sabe muito bem que, se você tiver essa outra Série com, talvez, centenas de clubes, além de dar emprego para jogadores, você vai dar emprego para técnicos, profissionais de futebol, árbitros, médicos, pessoal de fisioterapia, de preparação física, vendedor ambulante, que fica em torno do estádio — até mesmo do estádio que vai receber 200 pessoas, 200 torcedores — e para o Quadro Móvel de Estádio. Aquece um setor da economia. Isso é importante também discutir.

Então, há vários fatores, Sr. Presidente, para melhorar o futebol brasileiro. Agora, eu considero fundamental a questão da credibilidade na gestão. Infelizmente, temos a entidade máxima do futebol mergulhada na situação em que está. Não adianta. Pode ter a melhor intenção do mundo. O Secretário-Geral, Walter Feldman, vem e fala da CBF Social. Pode ser até um projeto interessante, mas não há credibilidade para tocar. Reforma do Estatuto: há um pessoal sério fazendo a reforma do Estatuto. Código de Ética: pelo Código de Ética da CBF, Deputado Derly, não vai poder ser investigado, por exemplo, quem cometeu atos ilícitos anteriores à vigência do Código. Por exemplo, se o Código de Ética da CBF entra em vigor amanhã, ele não vai poder punir, por exemplo, nem Marco Polo Del Nero, nem José



Maria Marin, nem Ricardo Teixeira, se eventualmente for comprovado que eles cometeram algum ato ilícito.

Então, existe aí, segundo o Presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, Dr. Caio Rocha, uma questão jurídica que impede. Ele deu essa explicação.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Vou pedir a V.Exa., Deputado — boa tarde, Deputado — que faça uso da palavra junto ao microfone, até porque a nossa reunião é gravada.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Desculpe-me, Sr. Presidente, a minha impertinência. Eu não quis apenas perder o raciocínio, porque ele estava no meio da fala dele.

Por exemplo, eu acho que nós temos que passar a CBF a limpo. Eu sou daqueles que, nesta Comissão, tem-se alinhado, junto com outros colegas aqui, nessa posição. Eu acho que a CBF, os cartolas, as empresas, enfim, tudo isso que envolve a máfia do futebol brasileiro tem que ser esclarecido tim-tim por tim-tim, como diziam os antigos.

Mas isso que você está dizendo, de que não pode retroagir para prejudicar, é um problema da legislação brasileira, não é um problema da CBF. Eu não quero, digamos assim, tirar o brilho do que possa ser feito daqui para a frente no sentido de prevenir essas coisas do passado, que são vergonhosas para todos — vergonhosas —, desse passado de Ricardo Teixeira, de Marin. Eu estou falando dos presos, fora os que poderão vir a ser presos — e eu não sei quantos são. Mas não vou fazer prejudicamento. Estou falando dos presos. Quer dizer, nós temos que esclarecer, botar o dedo na ferida, ver quem, do ponto de vista jurídico, é possível responsabilizar, inclusive com bloqueio de bens e tudo o que a legislação permite. Agora, esse problema da retroatividade da lei para punir anterior, isso é um problema da legislação brasileira, não especificamente da CBF. Está certo?

Eu queria a sua opinião nesse sentido.

O SR. SILVIO BARSETTI - Eu não vou brigar com a legislação, mas é difícil você passar para a opinião pública — estou dizendo de uma forma... de uma análise mais ampla —, é difícil passar para a opinião pública o seguinte: *“Olha, vai entrar em*



vigência amanhã o Código de Ética da CBF. “Que bacana.” “Mas tem que ser aprovado e assinado pelo Presidente Marco Polo Del Nero”. “Ah, mas o Código...”. (Risos.) Não tem essa retroatividade. É difícil entender.

Talvez haja uma diferença sutil, mas a FIFA pegou casos anteriores para punir, a partir do que está no Código de Ética, vários dirigentes de entidades sul-americanas, da América Central, da CONCACAF também. Agora, é difícil passar para a opinião pública isso.

Mas isso é um dado, Deputado. Sobre a questão da credibilidade, está em primeiro lugar a ausência completa — e falei isso aqui repetidas vezes — do Presidente, em viagens internacionais, deixando a CBF sem representatividade, o futebol brasileiro sem representatividade nenhuma.

Outra coisa: numa entrevista que eu fiz com o Presidente Ricardo Teixeira no ano passado, ele disse que, se você não vai aos congressos da Confederação Sul-Americana, a congressos de arbitragem e a outros congressos, os clubes brasileiros são prejudicados nas competições do continente, como Copa Libertadores e Copa Sul-Americana. Eu quis entender um pouco mais como isso funciona: prejudicado na arbitragem. Parece que existe uma coisa às vezes direcionada. Estou falando em termos de América do Sul. E eu não duvido que exista, até porque já ouvi muitas histórias. Mas é aquela coisa que nós falamos: entre ouvir histórias e ter a prova há uma distância muito grande, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Diversos dirigentes de futebol da América do Sul foram presos nos últimos 2 anos. No Brasil, há alguém que, na sua opinião, mereça ser preso, no meio do futebol?

O SR. SILVIO BARSETTI - Bom, o José Maria Marin, que está em prisão domiciliar. (Pausa.) Olha, talvez pelo conjunto da obra, sim, vários. (Risos.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Tem nomes? Agora quem está fazendo o papel de jornalista aqui sou eu. (Risos.)

O SR. SILVIO BARSETTI - Sr. Presidente, quero voltar para o Rio de Janeiro são e salvo. (Risos.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Concedo a palavra ao Deputado João Derly.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Primeiro, Silvio, quero deixar um abraço do Márcio Dolzan.

O SR. SILVIO BARSETTI - Aliás, ele mandou também. (*Risos.*)

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - É? (*Riso.*) Ele estava desesperado, para ouvir... Acabou perdendo a tua fala.

O SR. SILVIO BARSETTI - Trabalhei com ele no jornal *O Estado de S. Paulo*.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ele deixou uma pergunta: “*Como você avalia o acesso da imprensa à informação na CBF?*”

O SR. SILVIO BARSETTI - Aliás, ótima pergunta. Você quer...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu queria só fazer mais algumas perguntinhas.

A minha assessoria me passou aqui que tu comentaste sobre o colégio eleitoral. Pelo que eu senti na tua fala... Há pouco tempo dois jornalistas, o Eduardo Gabardo e o Rodrigo Oliveira, bateram profundamente no colégio eleitoral e na cláusula de barreira para disputar a CBF; e no colégio eleitoral, principalmente, das federações. Os dois acreditam que, se não mudar também nas federações, isto nunca vai ocorrer na CBF: uma mudança verdadeira ou a oportunidade da disputa de ideias para o melhor do futebol brasileiro.

Qual o senhor pensa que seria a melhor alternativa? Seria a participação dos atletas? Qual seria a tua avaliação, referente a esse tema?

A outra pergunta é referente a esta CPI: como jornalista, qual é a expectativa que o senhor tem ante esta CPI? O que nós podemos realmente produzir aqui? Não sei se vocês conversam nos bastidores... Existe alguma expectativa sobre esta CPI?

O SR. SILVIO BARSETTI - Começando com a questão da imprensa — boa pergunta —, anos atrás, havia na CBF um comitê de imprensa, que tinha uma sala no prédio anexo à CBF — ficava na Rua da Alfândega o prédio da CBF, bem no centro do Rio —, e a imprensa vivia ali o coração da CBF. Era tudo muito mais transparente. E eu acho que aquilo ali incomodava os dirigentes da CBF, porque os dirigentes da CBF não tinham uma garagem privada, não tinham como entrar no prédio da CBF se não pela Rua da Alfândega, passando em frente aos bares, ao comércio dali. Muitas vezes, alguns deles eram chamados de ladrão pelo povão na rua: “*Ladrão, ladrão!*” Aí eles foram se incomodando, foram se incomodando, e,



enfim, em 2002, a CBF se mudou para a Barra da Tijuca. De 4 anos para cá, ela tem uma nova sede. A imprensa, muitas vezes, fica do lado de fora da sede. Faça chuva, faça sol, tanto faz, está lá do lado de fora, esperando uma autorização para entrar. E o prédio da CBF novo tem um café no térreo, tem um museu do futebol e tem um café. Poderia muito bem abrigar, até porque não ficam ali dezenas de jornalistas, ficam poucos jornalistas ali, quando vão.

Agora, é lamentável, porque o tratamento é muito ruim. Há vontade deliberada de não dar acesso à imprensa à informação do dia a dia da CBF. Muitas vezes, você está no prédio da CBF, ali embaixo, e ninguém informa se o Presidente da CBF está na casa, se ele saiu, se ele chegou, se ele entrou pela garagem, se ele saiu pelo elevador privado. Enfim, parece que ali há um trabalho de contrainformação, o tempo todo. E não há nada, absolutamente nada... O mínimo que deveria haver, na minha opinião e na opinião de muitos jornalistas, até dos mais antigos, era uma pequena sala em que se pudesse sentar e escrever. Nem é preciso uma linha de telefone, porque todo mundo tem o seu *smartphone* hoje em dia.

Só completando: na Granja Comary, há poucos anos, há 10 anos ou 15 anos, foi inaugurada a Sala de Imprensa Sandro Moreyra, um jornalista da velha guarda que já é falecido, que teve uma coluna no *Jornal do Brasil* sobre futebol, que foi muito badalada. Era pai da Sandra Moreyra, jornalista da *TV Globo*, que faleceu recentemente, e Eugenia Moreyra, que continua na *TV Globo*. A Sala Sandro Moreyra foi inaugurada com alguns jornalistas presentes, fotos e tal. A Sala Sandro Moreyra desapareceu na Granja Comary, na concentração da Seleção Brasileira. Não existe mais a sala, não existe mais foto nenhuma de Sandro Moreyra. Quer dizer, é um total desprestígio à imprensa.

Continuo a resposta ou quer fazer...?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Então, é mais fácil trabalhar na boca do Morro da Providência do que trabalhar hoje na Barra da Tijuca?

O SR. SILVIO BARSETTI - (*Riso.*) É verdade. É possível que o Morro da Providência tenha assessoria de imprensa, que passe alguma informação para nós. (*Riso.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Ele estava lá na Rua da Alfândega, e você estava na entrada do Morro da Providência, não é?



O SR. SILVIO BARSETTI - *(Riso.)* É verdade, está pertinho. É muito difícil conseguir alguma informação. Quando a CBF deixa a imprensa entrar no prédio — e não é entrar na área administrativa, é lá embaixo, no térreo, onde há um café —, parece que está fazendo um favor, Presidente, quando na verdade a imprensa está ali porque está querendo passar a informação para o público. Cada um com o seu público, não é?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Então, o problema é falta de informação...

O SR. SILVIO BARSETTI - Exato. Deliberada.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - ... e de condições para...

O SR. SILVIO BARSETTI - Não, não existe condição nenhuma.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Condição nenhuma?

O SR. SILVIO BARSETTI - Você não consegue nem carregar o teu celular. Tem que pedir ao dono do café que ele ceda um espaço ou então ir ao museu do futebol e pegar uma tomada emprestada.

E, quando entra no prédio da CBF, o jornalista fica sempre num cercadinho — parece que é um curralzinho, entendeu? Não fica ninguém caminhando. É só para não abordar um dirigente que esteja chegando a 5 metros de você. Você fica num curralzinho, perto de umas grades. Você não pode passar dali.

São coisas constrangedoras, entendeu? É um tratamento continuado de não querer receber a imprensa, e, quando recebe, recebe mal, ainda mais a imprensa que bate, porque a parte da imprensa que é bondosa, às vezes, está lá dentro. Quando menos percebemos, está lá dentro.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Há tratamento diferente, então, para veículos?

O SR. SILVIO BARSETTI - Há. Isso é histórico.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ou é para jornalistas?

O SR. SILVIO BARSETTI - Veículos e jornalistas. O tratamento diferenciado é histórico. Isso é histórico.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Silvio, pode nos dizer quais veículos têm privilégios?



O SR. SILVIO BARSETTI - Olha, as organizações que têm contratos, que transmitem jogos, entendeu? Isso é inegável. Não sei se por força de contrato, com relação a entrevistas. Isso é inegável. Todo o mundo sabe. Os que batem mais, por exemplo, alguns sites como o UOL e o Terra, a *Folha de S.Paulo*, muitas vezes o jornal *O Estado de S. Paulo*, o jornal *Lance!*, ou os jornalistas mesmos. Posso citar alguns: Sérgio Rangel, da *Folha de S.Paulo*; Igor Siqueira, do *Lance!*; Rodrigo Mattos, do UOL; o meu caso também, pelo Terra; os colegas, às vezes, dos bastidores do Globoesporte.com; Almir Leite, do *Estadão*; Marcio Dolzan; sem falar no Juca Kfourri. Se puder não passar nada para esses, melhor; se passar truncado, melhor ainda. Então, há tratamento diferenciado, sim. Citei esses, mas posso citar também a Gabriela Nogueira, o Lúcio de Castro e outros tantos, de que não estou recordando aqui. Esses jornalistas mais críticos não são bem-vindos na CBF. Às vezes são barrados na porta. Ficam lá perto... O prédio da CBF fica ao lado do Hospital Lourenço Jorge. É mais fácil ficar na sala de imprensa do Hospital Lourenço Jorge, ou na emergência do Lourenço Jorge, que é o hospital ali do lado, do que ficar na CBF. Isso quando não interessa. Quando é uma coisa que interessa, aí... É muito complicado isso.

O senhor perguntou sobre o colégio, não é? Eu tinha defendido aqui antes uma ampliação do colégio — é claro, para as federações também; federações e CBF —, participação de treinadores, de árbitros de futebol e de atletas, nem que fossem representados pelas entidades de classe ou pelas entidades mais conhecidas, no caso dos atletas. Eu defendo, por exemplo, a participação do Bom Senso. Minha opinião. Faz um trabalho muito sério. Tem que haver essa ampliação. Agora, tem que começar com as federações, é verdade. Nós falamos muito da CBF, mas, nas federações, não só o colégio eleitoral, como também a cláusula de barreira também são problemas seríssimos.

O senhor tinha feito outra pergunta sobre a expectativa da... Vou ser sincero: quando começou a CPI da Máfia do Futebol, a expectativa entre os jornalistas não era boa. Acho que está mudando, acho que começou a mudar de algumas poucas semanas para cá. A expectativa. Quando começou não era boa, e havia descrédito. Era o que eu ouvia.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sobre a participação dos atletas, seriam as entidades classe, o sindicato, o Bom Senso, quem tiver uma proposta.

O SR. SILVIO BARSETTI - Acho que sim. Teria que ser discutido.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Não há uma proposta definida. Seria a construção de uma proposta?

O SR. SILVIO BARSETTI - É, teria que ser uma construção, exatamente. Mas teria que haver uma participação mais ampla. Mais ampla, não, uma participação ampla, porque não há participação mais ampla. Para você ver: na CBF, conseguiu-se há pouco...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Adicionaram os clubes da Série B.

O SR. SILVIO BARSETTI - É, mas é pouco. No comitê de reforma se discute o acréscimo dos clubes da Série C. Seriam mais 20 clubes. Na minha opinião, ainda é pouco. Teriam que participar os clubes da Série D também, que hoje são 68 clubes. Nem que fosse um voto qualitativo, não é? De repente, um clube que está nas últimas posições da Série D, de "dado", não tem o mesmo peso de um clube como Flamengo, Vasco, São Paulo, Palmeiras, Cruzeiro, Atlético. Enfim, é tudo uma construção. Mas eu acho que tem que haver essa participação ampla, o que é muito difícil, porque, na verdade, as federações se fecham muito. As federações controlam. Embora tenha havido recentemente essa ampliação para 40 clubes no colégio eleitoral, o controle está na mão das federações. Para a inscrição de chapa para a Presidência da CBF, é preciso que haja oito federações.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - E a sua proposta seria a de não haver nenhuma...

O SR. SILVIO BARSETTI - Diminuir bastante.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ou diminuir...

O SR. SILVIO BARSETTI - Bastante.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - E dar oportunidade para assinar mais de uma chapa.

O SR. SILVIO BARSETTI - Sim, é claro, porque, num universo de 27 federações, se você tem que ter a chancela de oito, no mínimo, você vai conseguir no máximo duas. *"Ah, mas podem três."* Não pode. Normalmente, quando você tem



oito federações, você tem 13, 14, 15 apoiando. Do jeito que está, no máximo, o que você vai ter numa eleição da CBF são duas chapas. Do jeito que está. E olhe lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu gostaria de saber se há mais alguma pergunta a ser feita. (*Pausa.*)

Com a palavra o Deputado Arnaldo Jordy.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, primeiro, gostaria de agradecer a presença ao nosso convidado, o jornalista Silvío, pela colaboração com a CPI.

Acho que V.Sa. vem ao encontro do que nós desejamos — pelo menos uma boa parte aqui de Deputados —, que é de fato botar o dedo na ferida, sem passionalismo, sem pirotecnia, mas prestando esse serviço à opinião pública e à sociedade brasileira, no País do futebol. O futebol precisa ser levado a sério. Isso não pode ser apenas uma janela de oportunidade para espertos. E o que nós vemos no futebol, a imagem da CBF, como representante da entidade *mater* do futebol, é exatamente esta: uma entidade que foi canibalizada pelos espertos. Cada um chegou lá e tirou um pedaço, do jeito que podia. Ou boa parte deles. Não quero aqui generalizar, para não correr o risco de ser leviano e injusto com todos.

Eu, particularmente, vejo com bons olhos essas medidas de reestruturação etc. que a CBF está fazendo. Mas isso não pode empalidecer o ajuste de contas que nós precisamos fazer com a sociedade brasileira em relação aos desmandos, às práticas criminosas que foram palco dessa dilapidação material e moral, conceitual, da entidade maior do futebol brasileiro.

Esse é o pressuposto, digamos assim, desta CPI ou de boa parte dos que fazem parte desta CPI.

Farei três perguntas bastante objetivas.

O Sr. Gustavo Feijó, um dos Vice-Presidentes da CBF e um dos que defendem ferrenhamente o Presidente Marco Polo Del Nero — que, por sua vez, foi indiciado, pela justiça dos Estados Unidos, por crime de corrupção —, elegeu-se Prefeito do Município de Boca da Mata em 2012 e é alvo de investigação do Ministério Público de Alagoas, sob a suspeita de crime eleitoral em sua campanha, nessa eleição de 2012. Suspeita-se que ele tenha arrecadado dinheiro, doado pela CBF ou por empresas vinculadas a patrocínios da CBF, no sistema de caixa dois,



durante a sua campanha. Isso é de domínio público. V.Exa. acompanhou esse caso, como todos nós. Sabemos disso.

O SR. SILVIO BARSETTI - Hum, hum!

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O Sr. Gustavo Feijó não é o único que tem participação na diretoria ou nos cargos da CBF. O senhor acredita que essa relação de políticos — digo políticos com mandato, porque, *lato sensu*, todos nós temos um papel político na sociedade; políticos com mandato — na diretoria ou em funções estabelecidas na CBF tem sido perniciosa, do ponto de vista dessa prática de corrupção na entidade ou no ambiente em que a entidade tem a sua governabilidade?

O SR. SILVIO BARSETTI - Deputado, alguns jornalistas conversam sobre isso na cobertura lá da CBF, e nós notamos que a CBF, de um tempo para cá — notadamente depois que o Presidente Marco Polo Del Nero tomou posse —, é como se fosse um aparelho, porque tem na sua na estrutura dois diretores que são Deputados Federais, o Deputado Vicente Cândido e o Deputado Marcelo Aro; tem como Vice-Presidente o Deputado Federal Marcus Vicente; tem como braço direito da CBF o Deputado Federal Roberto Góes, que é Presidente de Federação de Futebol; tem como Secretário-Geral o ex-Deputado Federal Walter Feldman, também com trânsito livre no meio político nacional; tem também como Vice-Presidente da CBF o Sr. Fernando Sarney, que não tem mandato, mas é filho de um ex-Presidente da República e que também amplo trânsito, por sua família, no meio político; tem um Vice-Presidente que é Prefeito da cidade de Alagoas — o senhor o citou agora, Gustavo Feijó.

Há ainda, no quadro de apoiadores da CBF, outras figuras expressivas, não com mandato agora, mas que já tiveram mandato e que também têm bastante peso político, como, por exemplo, o Presidente da Federação do Tocantins, que é um ex-Senador: Leomar Quintanilha.

O senhor está entendendo o que eu estou querendo dizer?

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Veja bem, eu só queria distinguir, na minha pergunta, apenas para precisar a sua resposta...

Eu acho que quem foi Deputado, quem é ou quem pretende ser são cidadãos no pleno gozo de suas atividades no exercício político, etc. e tal, e não temos como



impedir isso. Eu não quero fazer nenhuma ilação a respeito. O que me causa espécie, e daí a pergunta, é uma pessoa no exercício de mandato, seja um Prefeito, seja um Deputado — e eu não quero aqui nominá-los, porque não se trata das pessoas; para mim, o problema é a regra —, ser, ao mesmo tempo, diretor de uma entidade que tem um desafio enorme pela frente, ou seja, responder às demandas dessa complexidade que é o futebol brasileiro: calendário, comissão, regramento, agenda, seleção sendo cobrada por resultados de manhã, de tarde e de noite, 365 dias por ano, todos os anos. Quer dizer, é o fato de um sujeito que é Deputado Federal, Prefeito, Deputado Estadual ser, ao mesmo tempo, diretor de uma entidade que, eu suponho, tem atribuições grandes.

Com relação às pessoas que não são, às que já foram e às que pretendam ser, eu acho que não há nenhuma restrição. Não há, pelo menos, da minha parte. Por exemplo, eu acho louvável o trabalho que o ex-Deputado Walter Feldman faz à frente da CBF, tentando fazer por dentro essa renovação, e tenho aplaudido, inclusive, as coisas que eu tenho visto. E tenho acompanhado. Eu, particularmente, dei sugestões em relação à Copa Verde, para dar-lhe um sentido mais ambiental. Ela tinha o nome de Copa Verde, mas não tinha nenhuma prática. Hoje, está se conseguindo fazer uma série de coisas interessantes, que eu acho que renovam o conceito.

Causam-me estranheza essas pessoas com exercício, como esse Prefeito. Para mim, um exemplo clássico é esse cidadão, o Sr. Gustavo Feijó, que eu não conheço pessoalmente, apenas de nome. Há hoje uma investigação do Ministério Público por suspeita de que ele tenha feito caixa dois a partir da CBF ou de empresas a ela relacionadas, empresas que têm contrato com a CBF.

O SR. SILVIO BARSETTI - Eu entendi. Só quero complementar, para depois entrar de forma mais precisa na sua pergunta.

Eu acho que montar esse aparelho, na verdade, é um equívoco, porque você tem que pensar em esportistas, entendeu? O Deputado Marcus Vicente foi Presidente da Federação de Futebol do Espírito Santo e tem, pelo menos, uma trajetória como esportista. Agora, boa parte desses não têm trajetória no esporte. Eu acho que isso é um choque — vou entrar na sua pergunta.



Acho que é inconveniente. Não posso fazer aqui nenhuma associação a aumento ou diminuição de questão, nem qualquer relacionamento com uma questão ou outra de corrupção — se aumenta, se diminui, enfim —, mas acho inconveniente, por causa, talvez, da falta de tempo e dos conflitos de interesse.

Eu acho que em algum momento vai haver conflito de interesses. Eu acho. A CBF é muito ampla, muito polêmica. Ela envolve, além da paixão pelo esporte mais tradicional do País, muitas questões, muitos contratos, muito interesse, muito poder, muito dinheiro, e eu acho que em algum momento vai haver conflito de interesses.

O Deputado Vicente Candido esteve na CBF, na semana passada, e foi abordado, na saída do prédio, por alguns jornalistas. Eu estava no meio — eu, o colega Sérgio Rangel, da *Folha*, o colega Marcio Dolzan, do *Estadão*, entre outros. Foi até quando ele nos surpreendeu, dizendo que recebia, sim, um salário como diretor da CBF.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Quanto é o salário de um diretor da CBF?

O SR. SILVIO BARSETTI - Nós perguntamos, e ele disse que seria o equivalente ao salário de Deputado Federal, mas não falou quanto. E isso nos surpreendeu, porque, até então, nós não tínhamos nenhuma informação sobre se o Deputado Marcelo Aro ou o Deputado Vicente Candido, que são Diretores da CBF — estão lá no expediente como Diretores da CBF —, recebiam salário. Essa informação a CBF nunca havia passado para nós. Estamos lá, cobrimos o seu dia a dia, e não tínhamos essa informação. Nós recebemos do próprio Deputado Vicente Candido essa informação.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Ou seja, a conclusão a que os senhores chegaram foi que, além do salário de Deputado, ele recebe o equivalente como diretor da CBF.

O SR. SILVIO BARSETTI - Foi o que ele falou. Ele falou isso, e a imprensa publicou.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Como eu não estava lá e não vi essa reportagem, eu estou precisando a informação de V.Sa.

O SR. SILVIO BARSETTI - Foi exatamente isso.



E os colegas perguntaram: “O senhor não vê nenhum conflito nisso?” Ele disse que não via. Respeitamos a opinião dele. Eu discordo. Acho que há conflito de interesses.

Não sei se eu respondi, mais ou menos, à sua questão.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Claro, claro.

Numa outra reportagem de sua autoria, de 30 de maio de 2016, com o título *Em reunião de Vices, CBF ignora Diretor citado na Lava-Jato* — é o título da reportagem que V.Sa. assina —, o Sr. Vandenbergue Machado, Diretor da Assessoria Legislativa da CBF, aparece em escutas da Operação Lava-Jato.

Pergunto: V.Sa. teria algum documento, alguma materialidade que pudesse fornecer a esta CPI, que, de alguma forma, direta ou indiretamente, compromettesse esses diretores envolvidos ou supostamente envolvidos em esquema de corrupção, já que estão investigados pela Lava-Jato?

A Lava-Jato, presumo eu, não investiga ninguém que esteja sentado ou ajoelhado numa igreja, rezando um terço, sem ter nada a ver com suspeita de prática ilícita. A Lava-Jato não vai lá investigar esse sujeito — está certo, Presidente? A Lava-Jato, quando investiga um cidadão, pelo menos tem indícios, ainda que não tenha provas cabais, de que houve suspeita de prática de crime, de corrupção.

A segunda pergunta, correlata a essa, é: na sua opinião, por que o Presidente Marco Polo Del Nero se fez de desentendido e não pôs o diretor da CBF, esse cidadão Vandenbergue Machado, em pauta, na discussão referida acima, na pergunta anterior?

O SR. SILVIO BARSETTI - Não, não tenho nenhum documento — respondendo à sua primeira pergunta.

Essa reunião se deu parece que um dia após vir a público aquela escuta telefônica, aquele grampo em que aparecia a citação ao Diretor Vandenbergue. E, um dia depois, o assunto estava muito em evidência ainda, eu soube, por um dos vices que participaram da reunião, logo depois da reunião... Eu perguntei ao vice: “Não foi abordado esse tema? Está nos jornais de hoje. É um Diretor da CBF, há uma reunião da Diretoria da CBF, dos vices da CBF, e não foi abordado?” E esse vice, que é o Vice-Presidente Delfim Peixoto, me informou: “Olha, eu tentei pôr isso



em pauta, comentei, mas não entrou. E o Presidente Marco Polo Del Nero tomou outro rumo na conversa, e não foi discutido isso”.

Eu fico aqui deduzindo que talvez se tratasse de alguma coisa espinhosa sobre a qual ele não queria falar, por algum motivo qualquer, e talvez fosse causar algum embaraço ter que entrar nesse assunto; assunto que envolve um assessor parlamentar, o diretor da assessoria parlamentar. Mas eu não posso também aqui afirmar nada, porque eu não estive depois com o Presidente Marco Polo Del Nero, para perguntar isso a ele. Aliás, ele evita entrevistas.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Por fim, um colega seu que esteve aqui nesta CPI, jornalista também, que trouxe contribuições valiosas a esta CPI, afirmou que o calendário de eventos da Seleção Brasileira, de jogos amistosos da Seleção, está absolutamente... Em síntese — as palavras são minhas, mas foi o que eu deduzi; aliás, deduzimos, nós que assistimos o depoimento dele —, que o calendário de jogos da Seleção Brasileira está 100% refém de negócios, muitas vezes em detrimento da preparação propriamente desportista da seleção canarinho, a Seleção Brasileira. Citou como exemplo, diante de tantos outros exemplos, um jogo havido na Polônia, contra o Japão, ao meio-dia, de forma absolutamente inexplicável. Tiveram que botar a seleção titular em campo. E a seleção já vinha de uma rotina de jogos, contrariando, pelo que ficou entendido no depoimento do seu colega jornalista...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Michel Chade.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Michel Chade.

Alguns jogadores, inclusive, estariam não recomendados para jogar, porque o técnico da Seleção gostaria de testar outros jogadores.

É Jamil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Jamil Chade.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Este jornalista, pela intimidade que tinha com o técnico da seleção japonesa à época — que era, nada mais, nada menos do que o Zico —, perguntou qual o interesse do Zico. E Zico respondeu a ele que também tinha achado estranho, porque não era uma demanda da seleção japonesa fazer aquele amistoso com o Brasil, naquelas condições, naquela data; que isso inclusive estaria atrapalhando o calendário de jogos da seleção japonesa.



Portanto, não havia interesse nem da Seleção Brasileira, e, com a resposta dada pelo Zico, nem da seleção japonesa. E ficou todo mundo com cara de Amélia, sem saber a razão exata, qual seria o objetivo daquele jogo na Polônia, ao meio-dia, transmitido pela televisão japonesa.

Isso acabou se revelando como sendo exigência de uma empresa que tem contrato com a CBF para fazer as agendas de jogos do Brasil, e esse contrato está vigendo até 2022. Nós somos prisioneiros desse contrato, que atende aos interesses de, provavelmente, patrocinadores, empresas, numa relação, na minha opinião, absolutamente promíscua e lateral aos interesses do escrete canarinho, que, cada vez mais, nos envergonha pelos resultados obtidos — não falo do 7 a 1, mas da Copa América, na qual foi desclassificado apenas com uma vitória sobre a grande seleção do Haiti. Então, queria saber sua opinião sobre isso.

O SR. SILVIO BARSETTI - Acho que o Jamil Chade está coberto de razão. Há muitas aberrações nisso, Deputado. Cito, como exemplo — estive até presente —, que em 2006 o Brasil fez um amistoso em Moscou. Era o jogo da AMBEV. Ficou conhecido como o jogo da AMBEV, um jogo em que a temperatura, durante o jogo, chegou a 22, 23 graus negativos, com uma exposição ao risco de lesão muscular imensa, enorme. Quer dizer, aquilo foi uma aberração. Até na CBF se comentou depois que foi um erro ter aceitado aquilo. Mas ela é refém. Vai fazer o quê? Foi o chamado jogo da “fria”, o jogo da AMBEV.

Eu lembro que, quando eu voltei para o hotel, peguei 33 graus negativos, na chegada ao hotel em Moscou. Nessas aberrações, como esse jogo amistoso com a Polônia também, podemos ver isso. São vários casos. Ficamos reféns, sim.

Na questão do adversário também, muitas vezes, o que prevalece é uma escolha unilateral. Essa coisa de dizer que a CBF dá o o.k. é conversa fiada. É uma escolha unilateral.

Muitas vezes, havia também, anos atrás, além dos interesses econômicos, os interesses políticos. Acontecia com a CBF, Deputado, nesses amistosos, uma coisa, assim, absurda. Muitas vezes, o Presidente da CBF era recebido em alguns países da África ou da América quase como um Chefe de Estado, entendeu? Eu acho que, de repente, até confundiam, em alguns países, o Presidente da CBF com o Presidente da República.



E uma coisa me surpreendia, por exemplo, na época em que o Ricardo Teixeira foi o Presidente da CBF: a quantidade de jogos que o Brasil fazia na Catalunha, até mesmo contra a seleção da Catalunha. Ela fez amistoso com o Barcelona, jogou contra a seleção da Catalunha duas ou três vezes. Era uma coisa, assim, absurda. Depois se descobriu a associação dele com aquele ex-Presidente do Barcelona, o Sandro Rosell. Há esse interesse político também.

Às vezes há um pedido também. Às vezes há até interferência do Governo Federal, como naquele jogo humanitário no Haiti. Houve um apelo do Presidente Lula para que o Brasil fizesse o amistoso. Não lembra aquele jogo humanitário no Haiti? É uma exceção, mas acontece isso também.

Muitas vezes, há questão econômica por trás, questão política, aí entra a questão da FIFA, mas basicamente há o interesse comercial dessa empresa e das relações que essa empresa que marca os jogos, que administra os jogos do Brasil, tem e que não conhecemos.

É um absurdo marcar os jogos do Brasil sem conhecimento prévio do treinador, sem o aval do treinador. Aí você fica com a agenda pronta. E isso não era assim anos atrás, não é, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu indago aos nobres Deputados se há mais alguma pergunta ao jornalista Silvio Barsetti.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Permita-me apenas uma sugestão...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Sim. Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - ...antes de ouvir o Deputado João Derly.

Consultando aqui os Colegas, acho que V.Exa., como Presidente desta CPI, poderia solicitar ao Presidente da CBF uma cópia desse contrato que vige até 2022, salvo engano, com a empresa que é patrocinadora desses eventos, para que possamos submeter à Consultoria da Casa e até a uma consultoria mais especializada no assunto, para ver a possibilidade de ser denunciado esse contrato.

A Seleção Brasileira não pode... O seu colega Jamil, que esteve aqui e apenas corrobora com a sua opinião, e acho que é uma opinião fartamente pautada em fatos lesivos aos interesses nacionais... Esta CPI não pode ouvir esse tipo... Eu



me sinto incomodado em ouvir esse tipo de depoimento, está certo, diante dos resultados vexatórios recorrentes... O seu colega Jamil disse que não tem nenhuma esperança com relação a resultados da Seleção Brasileira em 2018, diante do que está acontecendo no mundo e diante dessas anomalias, dessas patologias que atendem a interesses que não têm nada a ver com futebol e com milhões de brasileiros.

Eu acho que V.Exa. pode pedir a cópia desse contrato. E eu já deixo aqui o requerimento oral, que o regimento me permite, solicitando que ele seja submetido a uma análise da Consultoria da Casa, do setor jurídico da Casa, quanto à possibilidade de ser denunciado, se for possível, nas esferas competentes, esse contrato, no sentido de não ficarmos mais escravos desse tipo de coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu devo informar a V.Exa. que os contratos já foram solicitados. Mas, em especial, quanto a esse a que V.Exa. se refere, por favor, faça o requerimento por escrito que nós o colocaremos em votação aqui.

Todos sabem como nós conduzimos a Presidência desta CPI. Todos os requerimentos, quer sejam requerimentos de convocação, quer sejam requerimentos de convite ou de solicitação de documentação, nós colocamos em votação aqui.

Mais alguma pergunta a ser feita pelos nobres Deputados?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sr. Presidente, não sei se cabe — não tem tanto a ver com o tema —, mas é uma curiosidade mesmo referente ao Silvío. Ele foi convidado a conduzir a tocha e negou. É uma curiosidade mesmo. Não sei se cabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Claro, claro. Fique à vontade.

O SR. SILVIO BARSETTI - Fui convidado. Eu não quero fazer julgamento de quem leva, de quem levou a tocha, jornalistas e tal. Cada um tem a liberdade de pensar e de se conduzir profissionalmente do jeito que acha mais conveniente. Eu não estou fazendo nenhum julgamento mesmo. Mas as minhas matérias com relação às Olimpíadas também têm sido muito críticas, denunciando gastos, maquiagens feitas no Rio de Janeiro, para a imprensa estrangeira e os estrangeiros verem. Eu fiz recentemente várias matérias sobre o Engenhão, mostrando a



calamidade que é o Bairro do Engenho de Dentro, não do lado do Estádio do Engenhão, que parece uma nova Ipanema. Se se andar 200 metros para o lado oposto no bairro, pode-se ver falta de água, esgoto a céu aberto, ruas quebradas, falta de luz, falta de segurança, falta de acessibilidade. Então, eu tenho feito matérias bem críticas com relação às Olimpíadas e me sentiria desconfortável, uma vez que eu tenho feito muitas matérias críticas com relação às Olimpíadas, de vestir a camisa da Rio 2016 e conduzir a tocha olímpica.

Acho que eu daria a minha vez para um atleta ou para um ex-atleta. Então, eu me sentiria desconfortável e recusei o convite. Até falei meio que em tom de brincadeira que eu não ia conduzir a tocha porque tinha medo de me queimar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Mais alguma pergunta?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Bom, depois da despedida, eu gostaria de falar. Eu não sei o que está acontecendo que nós não recebemos ainda as informações do Senado que nós pedimos. E eu gostaria de saber, Presidente, o que está emperrando para que possamos receber essas informações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu vou responder a V.Exa. O requerimento já foi feito pela Presidência desta CPI, entregue à Presidência daquela Casa, e nós continuamos aguardando.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Não temos nenhuma resposta sobre o que está emperrando essa resposta?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Fizemos também um requerimento ao Presidente da CPI, o Senador Romário. Mas eu me comprometo com esta CPI a cobrar, através de um novo requerimento, essas respostas que V.Exa. pede aqui. É regimental, e estamos aguardando, mas eu repetirei o nosso pedido.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - É só para termos uma informação oficial sobre por que ainda não chegaram esses documentos a esta CPI.

Já estamos aqui há quase 2 meses, não sei precisamente, e até agora... Foi bem no início dos trabalhos da CPI que solicitamos esses documentos, e até agora não os recebemos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Temos enfrentado algumas dificuldades na CPI, inclusive com o quórum para votar requerimentos,



como é o caso hoje. Não há número regimental para votação de requerimentos na nossa CPI. Por essa razão, nós não votaremos nada hoje. Infelizmente, isso tem acontecido. E V.Exa., que foi o autor do requerimento para criação desta CPI, acaba presenciando esses acontecimentos aqui. Mas farei um novo requerimento ao Presidente do Senado e ao Presidente da CPI.

Deputado João Derly, muito agradecido.

Quero agradecer ao Sr. Silvio Barsetti, jornalista, por ter, aceitando o nosso convite, vindo a esta CPI. Tenho certeza de que colaborou muito. Tenho certeza absoluta de que os Deputados que estiveram presentes...

Muito obrigado, Deputado, muito obrigado.

Os Deputados que estiveram presentes aqui fizeram as perguntas que acharam necessárias e obtiveram as respostas.

Eu quero passar a palavra ao jornalista Silvio Barsetti, para que ele possa, então, fazer as suas considerações finais.

O SR. SILVIO BARSETTI - Presidente, obrigado pela atenção de todos. Mais uma vez, agradeço a oportunidade e me coloco à disposição da CPI para novos esclarecimentos, reforçando a minha opinião de que nada vai mudar no futebol brasileiro enquanto não mudar a gestão, esse modelo que está lá.

Infelizmente, as pessoas que comandam o futebol brasileiro já tiveram a chance delas e agora têm que dar a vez para outras. Não há credibilidade. Não há credibilidade no comando do esporte nacional. E, sem credibilidade, não se avança. Essa é a minha opinião.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Muito obrigado ao Sr. Silvio Barsetti, que é jornalista, nosso convidado para falar, para conversar com os Deputados nesta CPI.

Nada mais havendo a tratar, encerrarei a presente reunião, antes convocando este colegiado para reunião a realizar-se no dia 28 de junho, terça-feira que vem, às 14h30min, em plenário a ser definido, para ouvirmos os Srs. Ricardo Borges Martins e Enrico Ambrogini, Diretores-Executivos do movimento Bom Senso Futebol Clube.

Muito obrigado aos senhores.

Está encerrada a reunião.